

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

A COLECÇÃO NUMISMÁTICA DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

GARCIA, Luís Pinto

Ano: 1940 | Número: 50

Como citar este documento:

GARCIA, Luís Pinto, A Coleção Numismática da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 50 (1-2) Jan-Jun. 1940, p. 136-138.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A colecção numismática da Sociedade Martins Sarmiento

Logo após a sua fundação, começou esta Sociedade a reunir as primeiras moedas, oferecidas ou achadas, tendo em vista a organização dum futuro monetário, muito embora Martins Sarmiento não fôsse cultor apaixonado da Numismática. A Sociedade fundara-se em 1882, e, em 1898, já havia uma colecção digna dêste nome, de que nos dão notícias detalhadas Albano Belino com o seu *Catalogo de Moedas Romanas, Celtiberas e Wisigothicas pertencentes á Sociedade Martins Sarmiento* (Pôrto — 1901) e J. de Freitas Costa e Abade de Tagilde com o *Catalogo das moedas e medalhas portuguezas e estrangeiras existentes na collecção da Sociedade Martins Sarmiento* (Pôrto — 1900). Nesse mesmo ano de 98, no mês de Dezembro, o Museu da Sociedade foi assaltado e, juntamente com dois braceletes de ouro e outros objectos de ouro e prata, levaram descaminho as moedas e medalhas dêstes metais nobres.

Passaram-se 42 anos e, durante tão longo espaço de tempo, muita moeda se foi reunindo, por compra, por oferta, ou em consequência de escavações realizadas nos castros da Sociedade e de achados ocorridos nos arredores de Guimarães.

Expurgado êste conjunto dos duplicados, das moedas demasiadamente safadas pelo uso imoderado, ou danificadas pelo verdete adquirido na jazida de séculos no sub-solo, organizei, a convite da Direcção da benemérita Sociedade, uma colecção de algumas centenas de espécies, que, hoje, devidamente inventariadas e classificadas, estão expostas em mostruário

próprio e consentâneo com a dignidade da ciência numismológica, e com as tradições desta colectividade.

*

Tem o numofiláceo 32 moedas de ouro, em que se salientam um *aureus* de Vespasiano, três *trientes* visigodos, um suevo-lusitano, muito apreciado, e um *dinar* árabe do ano 102 da Hégira (720 ou 721 da nossa era), cunhado 9 ou 10 anos após a invasão, que é pouco freqüente. Seguem-se-lhe algumas portuguesas e estrangeiras, vulgares. Há a acrescentar uma medalha de grande módulo (comemorativa do Tricentenário de Camões), também de ouro, com 106 gramas de pêsco, devida a Molarinho, gravador patricio, de que se conhecem numerosos exemplares em cobre e «vermeil».

Na prata e nos metais vis vamos encontrar bastantes espécies pouco vulgares e algumas raras, quando não raríssimas. Mencionemos em primeiro lugar um bronze de Augusto cunhado em Saragoça (Caesar Augusta), valorizado em 150 francos-ouro por Aloïss Heiss e ainda, entre as Ibéricas, um outro bronze, êste de Tibério, cunhado em Mérida (Emerita Augusta), de não menor valor.

Entre as romanas é apreciável um *denario* de prata de Graciano (Cohen, 29).

A série portuguesa não é notável, embora bastante numerosa, mas começa exactamente por uma moeda rara, que por via de regra falta em tôdas as colecções nacionais: a *mealha* de D. Afonso Henriques, em variante, mais interessante que a de Aragão.

E' na série colonial que se encontram os dois mais valiosos espécimes do monetário. São êles: uma *pataca* mexicana de Fernando VI (1572) com a contramarca MR aposta em Moçambique no reinado de D. Maria I, no final do século XVIII, e uma *roda de 10 bazarucos* em calaím, cunhada em Damão, para Damão e Baçaim, de D. João V. São ambos raríssimos. Do primeiro, existem no Museu Municipal do Pôrto dois exemplares e algures vi escrito que o estudioso numismata, falecido há muito, Dr. Azevedo

Borrvalho, de Benavente, teve alguns exemplares, então únicos; do segundo, só é conhecido o exemplar da colecção Henry Thomas Grogan, vendida em 1914, pelo célebre perito, também já falecido, J. Schulman. Não andarei longe da verdade, afirmando que esta *roda* deve ser exemplar único em Portugal.

LUÍS PINTO GARCIA.